

Comunidade de Umarizal e o diálogo pelas alteridades em jogo¹

Lorrany Di Paula Ferreira de Freitas²

Ingrid Gomes Bassi³

Jax Nildo Aragão Pinto⁴

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa

Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir a cultura popular da comunidade remanescente quilombola de Umarizal, interior de Baião no Pará, a partir de uma perspectiva de comunicação, alteridade e identidade, oportunizando o debate à luz das ideias, opiniões e valores do local por meio da exposição de sua auto representatividade cultural. Como suporte metodológico, o estudo traz a comunicação de autoria histórica, em que as referências se caracterizam pelos próprios moradores da comunidade, podendo expressar da melhor maneira seus estímulos históricos, engajamento e interpretação das identidades culturais. Além das entrevistas, de abordagem histórica, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, como as pesquisas de Beltrão (1980), sobre Folkcomunicação, para o diálogo com a comunicação popular local de Umarizal e outras referências.

Palavras-chave: Fokcomunicação; comunidade quilombola; cultura popular; Umarizal.

Breve história de Umarizal

Em 1980 conta-se que a Vila de Umarizal já existia, confirmado por meio do livro citado por Silva (1995), próximo das datas 1895 e 1915. Além desta obra, não há outros documentos certificando o fato, por isso uma relíquia a ser preservada. Nesta mesma época acompanhou-se os registros das eleições presidenciais de Francisco de Paula Rodrigues Alves (1902-1906), em conjunto com deputados e senadores. Juntamente com essas informações, na segunda circunscrição distrital judiciária da comarca de Baião havia as informações de registros de nascimentos, casamentos e óbitos. (Silva, 1995, p.3).

Desta feita, verifica-se a descrição geográfica da população de Umarizal, que fica as margens do Rio Tocantins, em que o rio está dividido entre as partes: 1) o Norte com o município de Mocajuba, 2) ao Sul de Tucuruí, 3) a Leste com Moju, e 4) a Oeste com

¹ Trabalho apresentado no GP 10 Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista recém egressa em Jornalismo pela Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – Unifesspa. E-mail: lorrany.dipaula@unifesspa.edu.br.

³ Doutora em Comunicação, professora do Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – Unifesspa. E-mail: ingrid.bassi@unifesspa.edu.br.

⁴ Doutor em Saúde Pública, professor do Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – Unifesspa. E-mail: jax@unifesspa.edu.br.

Oeiras do Pará; e Umarizal é um território antigo com vários quilombos ao seu redor. (Menezes, 2021, p.19).

Data de 1694 a origem da Povoação que hoje é a sede do Município de Baião. Antônio Baião, depois de examinar vários pontos do rio Tocantins e querendo afastar do Camutá, que hoje é conhecida como município de Cametá, localizou a sua permissão em um local alto e deleitoso, o mesmo em que hoje assenta a sede do município baionense. Antônio Baião explorou os terrenos vizinhos deixando uma tradição do seu nome, que mais tarde Manuel Carlos da Silva, por determinação do Capitão-General Fernando da Costa Ataíde Terne, em 30 de outubro de 1779, deu a nomeação de “Lugar Baião”. Homenageado seu fundador, Antônio Baião. Desde então, a região vem se desenvolvendo e prosperando, tornando-se um importante município da região. (Silva, 1995, p. 17-18).

Em abril de 1890, o governo provisório do Estado do Pará dissolveu a Câmara Municipal de Baião. Em 1930 suprimiram o município de Mocajuba, incorporando seu território ao de Baião. Atualmente o município é constituído pelos distritos de Baião, Joana Peres, Itaquara e Araquembaua.

O município de Baião é um dos municípios do baixo Tocantins com a maior expansão geográfica. Com cerca de 48.454 mil habitantes, segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE em 2021. Atualmente se reparte em diversos territórios quilombolas sendo: Território Quilombola de Umarizal, de Igarapé Preto, Araquembaua, Itaperuçu, Calados, São Joaquim do Itaquara, Santa Fé, Icatu, Engenho, Cardoso, Joana Peres, Bailique, São Bernardo entre outros. (Menezes, 2021 p. 20).

O Território Remanescente do Quilombo de Umarizal fica localizado à margem esquerda do rio Tocantins, no Município de Baião/PA, é formado por cinco comunidades Quilombolas, sendo elas: Umarizal Beira, Umarizal centro, Boa Vista, Florestão e Paritá Mirí. Com aproximadamente 4000 mil habitantes e uma área de mais ou menos 15.383. (Menezes, 2021 p. 21).

A identificação é aparecida em forma de Lei, mas há um aspecto social e cultural que reconhece Umarizal como “Umarizal dos pretos”, ocorrendo essa herança africana na região, uma alusão quando se refere à história dos primeiros moradores da vila.

“De acordo com a Lei 1º: fica criado o distrito de Umarizal, no município de Baião, nos termos da Lei Orgânica Municipal e da Lei Estadual nº 5.595 de 18 de janeiro de 1990. Parágrafo único - o distrito que se refere o art. primeiro terá sede na localidade de Umarizal a margem esquerda do rio Tocantins, que por força dessa lei terá categoria de vila.” (Silva, 1995, p.19).

Cultura e alteridades identitárias

Diante do exposto das pontuações históricas registradas de Umarizal, o modo de vida das pessoas é marcado pela cultura afro-brasileira, permeada por afetos, músicas, danças, rituais, gastronomia, costumes, histórias e cultura material, que remetem ao passado e às origens dos seus antepassados.

A cultura afro-brasileira presente em Umarizal se manifesta por meio de manifestações culturais, como a capoeira, a dança do samba de cacete, a gastronomia, as histórias, as tradições, entre outros. Essas manifestações são mantidas e perpetuadas por meio da educação informal, as quais são transmitidas de geração em geração, ou seja, de forma oral.

Nesse sentido, o pesquisador Luiz Beltrão dialoga sobre a cultura local de grupos e comunidades que por mais inseridas que estejam numa cidade, ou sociedade maior, não costumam experienciar as práticas de forma comum com esses locais. Assim, Beltrão afirma: “Então eu vi que a função da comunicação não estava tão somente em informar ou orientar, estava também em educar, havia uma função promocional” (Beltrão, 1980, p. 17), isto é, há outras dinâmicas de convivência que se desdobram numa cultura popular e local, fatores alteros e singulares.

Assim, como o Folclore brasileiro, o caminho cultural de narrar a cultura da comunidade pela voz de seus protagonistas, é uma forma de comunicação popular eficiente e que pode ser acessada pela sociedade para o conhecimento da maneira como a comunidade se vê. Segundo Beltrão (1980), pode-se também realizar a junção da mídia tradicional e educação formal para estimular um interesse coletivo da sociedade por essa visão da comunidade. Além disso, muito se fala nas questões das festividades e os benefícios que uma comunidade tradicional pode trazer, e pouco se vê e ouve falar de seus ancestrais, de onde surgiram, como herdaram seu saber, e qual o significado e valor por trás deles.

Discussão e Considerações

Foram captadas entrevistas semiabertas com um roteiro prévio de questões, o que possibilitou espaço de conversa a respeito do que esses entrevistados têm a dizer, também de forma mais aberta e informal. Os aspectos principais foram os relatos da história da comunidade, o valor pela cultura local e os movimentos de luta e resistência por quatro membros antigos da comunidade, incluindo a primeira parteira e o músico de samba de cacete. Além disso foram entrevistados dois jovens para dialogar sobre o

compartilhamento de saberes ancestrais e suas visões das experiências e vivenciadas local.

Um problema social observado é a ausência na sociedade, de uma forma mais plural, de incorporar o conhecimento e estudos voltados aos saberes dos remanescentes quilombolas. Infelizmente vê-se o quilombola como um rótulo e muitas vezes até desprezo e exclusão. A cultura educacional tende a evidenciar esse estigma, segundo os moradores. O saber dos remanescentes quilombolas podem ser compartilhados pela comunicação local, trazendo fortalecimento nas datas celebrativas, nos sotaques, nas danças, nos locais e principalmente nos valores. E se a cultura popular é ainda um dos maiores traços da comunidade, seria justo que nas escolas, universidades e locais públicos de ensino local tivessem alguma forma de inclusão dessa pluralidade cultural.

E ainda que haja direitos conquistados pelos remanescentes quilombolas, para os membros da comunidade observada, ainda há dificuldades para se comunicar com a sociedade pelas mídias tradicionais e também produzirem suas próprias mídias. Os valores comunitários por meio de uma comunicação popular têm o poder de educar e criar informações importantes, todos esses assuntos podem ser produzidos por formas de comunicação já comuns, tidas como tradicionais, e agregar a didática da grande mídia, mas a partir de singularidades da comunicação popular. Como tem sido as formas alternativas, por meios das canções, danças e formas de estarem no mundo. Tornando-se também, uma proposta didática de produção informativa sobre os saberes culturais e riquezas imateriais do local.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares da informação de fatos e expressão de ideias**. EDUPURS e Famecos, Coleção Comunicação n. 12, Porto Alegre, 2001.

MENEZES, Lorrán, “Comunidade quilombola Umarizal-beira” Monografia, Universidade Federal do sul e sudeste do Pará. Marabá/PA, 2023.

SILVA, Aurivane Rodrigues Neri da. **Descrição Etnográfica da Povoação de Umarizal: Um resgate historiográfico**. Monografia, Universidade Federal do Pará, Cametá/PA, 1995.